

## 1.2. CARTA DO REITOR-MOR, P. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME, A POUCOS DIAS DA CANONIZAÇÃO DE ARTÊMIDES ZATTI



SOCIETÀ DI SAN FRANCESCO DI SALES  
SEDE CENTRALE SALESIANA

Via Maria Ausiliatrice, 32 - 10152 Torino

*Il Rettor Maggiore*

**Prot. 22/0329**

### «ACREDITEI, PROMETI, SAREI!»

Artêmides Zatti: Evangelho da Vocação e Igreja do Cuidado

«O mosaico dos nossos santos e beatos, embora muito rico quanto à representatividade — fundador, cofundadora, reitores-mores, missionários, mártires, sacerdotes, jovens — ainda estava sem a pedrinha da preciosa figura do coadjutor. Isso, agora, está sendo realizado».<sup>48</sup>

Assim o P. Juan Edmundo Vecchi, oitavo Sucessor de Dom Bosco, começava a sua carta na ocasião da beatificação de Artêmides Zatti.

Se no “mosaico dos nossos santos” faltava uma pedrinha, hoje ele tem um brilho muito especial porque, em poucas semanas, ser-nos-á dado viver um grande presente do Senhor: ver um dos filhos de Dom Bosco, salesiano coadjutor, emigrante italiano na Argentina e enfermeiro, canonizado pelo Papa Francisco em 9 de outubro de 2022.

<sup>48</sup> J. E. Vecchi, *Beatificazione del coadiutore Artemide Zatti: Una novità dirompen- te*, in ACG 376 (2001), 3.

Artêmides Zatti será, portanto, o primeiro santo salesiano não mártir a ser canonizado. Sem dúvida, a canonização do primeiro santo salesiano e de um salesiano coadjutor dá e dará um toque de completude à série de modelos de espiritualidade salesiana que a Igreja declara oficialmente como tais.

Relato o belo testemunho pessoal, cheio de profundidade espiritual e fé, dado por Artêmides Zatti em 1915, em Viedma, por ocasião da inauguração de um monumento funerário colocado sobre o túmulo do Padre Evásio Garrone (1861-1911), salesiano missionário benemérito e considerado por Artêmides como um insigne benfeitor.

«Se estou bem, saudável e em condições de fazer algum bem ao meu próximo doente, devo isso ao Padre Garrone, médico, que, vendo piorar dia a dia a minha saúde, pois sofria de tuberculose com hemoptise frequente, me disse decisivamente que, se eu não quisesse acabar como muitos outros, eu deveria fazer uma promessa a Maria Auxiliadora de permanecer sempre ao seu lado, ajudando-o no cuidado dos doentes, que ele, confiando em Maria, me curaria.

**ACREDITEI**, porque sabia, pela fama, que Maria Auxiliadora o ajudava de forma visível.

**PROMETI**, porque sempre foi meu desejo ser útil em algo ao meu próximo.

E, tendo Deus escutado o seu servo, **SAREI**. [Assinado] Artêmides Zatti».

Vemos que a vida salesiana de Artêmides Zatti, segundo este testemunho, se fundamenta em três verbos que testemunham a sua generosa e confiante solidez. Para valorizar o dom da santidade deste grande salesiano coadjutor, gostaria de meditar sobre esses três verbos e seus extraordinários frutos de bem, para que possam tocar profundamente os desejos, os sonhos e os trabalhos da nossa Congregação e de cada um de nós, e promover em todos uma renovada e fecunda fidelidade ao carisma de Dom Bosco.

## Perfil de Artêmides Zatti<sup>49</sup>

Artêmides Zatti nasceu em Boretto (Reggio Emilia), em 12 de dezembro de 1880, de Albina Vecchi e Luigi Zatti. A família camponesa educou-o para uma vida pobre e laboriosa, iluminada por uma fé simples, direta e robusta que orienta e nutre a vida.

Aos nove anos de idade, a fim de contribuir para a economia familiar, Artêmides trabalhava como empregado em uma família rica.

Em 1897, a família Zatti emigrou para a Argentina, estabelecendo-se em Bahia Blanca. Artêmides chegou ali com 17 anos e, no ambiente familiar, aprendeu logo a enfrentar as dificuldades e responsabilidades do trabalho. Ele encontra trabalho em uma olaria e, ao mesmo tempo, cultiva e amadurece um profundo relacionamento com Deus, sob a orientação do salesiano P. Carlos Cavalli, seu pároco e diretor espiritual. Artêmides encontrou nele um verdadeiro amigo, um sábio confessor e um autêntico e experiente diretor espiritual, que o formou no ritmo diário da oração e da vida sacramental semanal. Com o P. Cavalli, estabeleceu uma relação espiritual e de colaboração.<sup>50</sup> Na biblioteca do pároco, teve a oportunidade de ler a biografia de Dom Bosco e ficou fascinado por ele. *Foi o verdadeiro início da sua vocação salesiana.*

Em 1900, agora com 20 anos, Artêmides, convidado pelo P. Cavalli, pediu para entrar no aspirantado salesiano de Bernal, localidade perto de Buenos Aires.

No entanto, em 1902, perto de entrar no noviciado, Artêmides contraiu a tuberculose. P. Vecchi relata em sua carta: «Certos da sua responsabilidade, os superiores confiaram-lhe os cuidados de um jovem padre doente de tuberculose. Zatti realizou a tarefa com generosidade, mas mais tarde apresentou a mesma doença».<sup>51</sup>

<sup>49</sup> Decidi traçar um perfil breve e sóbrio. Aqueles que quiserem saber mais sobre a vida de Artêmides Zatti podem encontrar várias biografias sobre o próximo Santo e também ler o perfil biográfico na carta do P. Vecchi, à qual me referi anteriormente.

<sup>50</sup> Cf. *Positio*, p.35.

<sup>51</sup> Cf. J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 15 e Cf. *Positio*, p. 47.

Gravemente doente, voltou para Bahía Blanca e P. Cavalli enviou-o a Viedma, confiando-o aos cuidados do salesiano P. Evásio Garrone, competente — graças à longa experiência — na arte da medicina e diretor do hospital São José, fundado por Dom Cagliero.

Creio ser muito significativo que Artêmides, em Viedma, encontre Zeferino Namuncurá — hoje beato —, proveniente de Buenos Aires e que, como ele, sofreu de tuberculose. Os dois, embora de idades diferentes, viveram relações de amizade até quando Zeferino partiu, em 1904, para a Itália com Dom João Cagliero.

Após dois anos de tratamento em Viedma com resultados insatisfatórios, P. Garrone convidou Artêmides a pedir a cura por intercessão da Virgem Santa, fazendo voto de dedicar toda a sua vida ao cuidado dos doentes. Tendo feito o voto com viva fé, Artêmides ficou curado e, em 1906, iniciou o noviciado.

Devido aos riscos associados à sua condição anterior de saúde, Artêmides deve renunciar à sua intenção de ser padre e professa como coadjutor entre os Salesianos de Dom Bosco em 11 de janeiro de 1908. Este fato trouxe a Artêmides um grande crescimento na fé. Na verdade, ele não abandonou o seu desejo de ser salesiano padre e continua a pensar na vocação sacerdotal na Congregação Salesiana, especialmente quando sua saúde parecia melhorar. Por isso, «é comovente constatar o apego inquebrantável à própria vocação, manifestado também quando a doença parecia impedir absolutamente esse caminho. Lemos, por exemplo, o que escreve aos seus em 7 de agosto de 1902: “Far-vos-ei saber que não só era meu desejo, como também dos meus Superiores, vestir o sagrado hábito; entretanto, há um artigo da Santa Regra que diz não poder receber o hábito quem tenha a menor coisa em relação à saúde. É assim que, se até agora, Deus não me encontrou digno do hábito, confio em vossas orações para curar-me logo e assim satisfazer os meus desejos”». <sup>52</sup>

Contudo, os superiores, dadas todas as circunstâncias da sua doença e também a sua idade (23-24 anos), tiveram que propor a Zatti que professasse como salesiano coadjutor. O certo é que «era a doação total a Deus na vida salesiana que Artêmides aspirava em primeiro lugar». <sup>53</sup>

<sup>52</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 17 e *Positio*, p. 79.

<sup>53</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 18.

Mesmo neste ponto decisivo da sua vida, Zatti faz um caminho de amadurecimento. Lemos mais na carta do P. Don Vecchi: «Sacerdote? Coadjutor? Ele mesmo dizia a um irmão: “Pode-se servir a Deus tanto como sacerdote quanto como coadjutor: diante de Deus uma coisa vale quanto a outra, desde que seja vivida como vocação e com amor”». <sup>54</sup>

Em 11 de fevereiro de 1911, emitiu os votos perpétuos e, no mesmo ano, após a morte de P. Garrone, substituiu-o, primeiro como encarregado da farmácia ligada ao hospital São José de Viedma, e depois — a partir de 1915 — como responsável do mesmo hospital. Hospital e farmácia tornaram-se o campo de trabalho de Artêmidés.

E assim, a partir de 1915, durante 25 anos, com grande energia, sacrifício e profissionalismo, Zatti foi a alma do hospital que, no entanto, em 1941, precisou ser demolido: os superiores salesianos decidiram usar o terreno até então ocupado pelo centro de saúde para a construção da residência episcopal. Artêmidés sofreu intensamente ao pensar na demolição, mas em espírito de obediência, aceitou a decisão e transferiu os doentes para as instalações da Escola Agrícola Santo Isidro, onde criou uma nova estrutura para o cuidado e assistência aos doentes e pobres.

Após outros anos de intenso serviço, agora exonerado das responsabilidades da administração sanitária, em 1950, após uma queda durante um trabalho de manutenção, os exames clínicos revelaram um tumor hepático para o qual o tratamento foi em vão. Ele aceita e vive consciente da evolução da doença.

De fato, ele mesmo prepara para o médico o certificado do próprio óbito! Não são poucos os sofrimentos, mas ele passa seus últimos meses esperando o momento final preparado para o encontro com o Senhor. Ele mesmo diz: «Há 50 anos eu cheguei aqui para morrer e vim até este momento, o que mais eu poderia querer? Por outro lado, passei toda minha vida me preparando para este momento...». <sup>55</sup>

Sua morte ocorreu em 15 de março de 1951 e a divulgação da notícia mobilizou a população de Viedma inteira para prestar uma homenagem de gratidão a este salesiano que dedicou toda a sua vida aos doentes, especialmente os mais pobres. De fato, «Viedma inteira saudou o “*parente de todos os pobres*”, como o chamavam há tempo;

<sup>54</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 20 e *Summarium*, p. 310, n. 1224.

<sup>55</sup> *Positio*, p. 198.

aquele que estava sempre disponível para acolher os doentes especiais e o povo que vinha dos campos distantes; aquele que podia entrar na menor das casas em qualquer hora do dia ou da noite sem que alguém pudesse insinuar a mínima suspeita sobre ele; aquele que, embora estando sempre “no vermelho”, mantivera uma relação singular com as instituições financeiras da cidade, sempre abertas à amizade e à colaboração generosa com aqueles que compunham o corpo médico da pequena cidade».<sup>56</sup>

O funeral, com um imponente afluxo de povo, confirmou a fama de santidade em torno de Artêmides Zatti, o que motivou a abertura do processo diocesano em Viedma (22 de março de 1980). Em 7 de julho de 1997, Zatti foi declarado venerável e, em 14 de abril de 2002, foi proclamado beato por São João Paulo II.

### **A pedagogia de Deus nos seus santos**

Para abordar a figura de Artêmides Zatti, é valiosa a orientação de um princípio teológico, denso de significado e repetido por Hans Urs von Balthasar:

«Somente a imagem [de Jesus] que o Espírito apresenta à Igreja tem sido capaz, ao longo de milênios de história, de transformar homens pecadores em santos. É precisamente por este critério do poder de transformação que se deve medir o valor de uma interpretação de Jesus que pretenda transmitir-nos um conhecimento d’Ele».<sup>57</sup>

Com estas palavras, Balthasar enfatiza uma evidência que sempre acompanhou a história da Igreja: a ação do Espírito manifesta-se como poder transformador na vida humana, testemunhando a perene relevância e vitalidade do Evangelho. Desse modo, a boa-nova de Jesus continua a viver e difundir-se segundo a regra da Encarnação e, sobretudo, na carne e na vida dos santos, pelo seu profundo consentir ao Espírito, a Páscoa resplende na atualidade histórica do

---

<sup>56</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 25.

<sup>57</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Gesù ci conosce? Noi conosciamo Gesù?* Morcelliana (= Il Pellicano), Brescia 1981, 95.

*aqui e agora* sempre novos, em que amadurecem prodígios que confirmam a fé da Igreja.

Os santos são, então, realizações do Espírito que oferecem, com a simplicidade de uma vida transfigurada, esboços precisos do Filho, dados pelo Pai à labuta do mundo, na atualidade de um tempo e na proximidade de lugares necessitados de salvação e esperança.

Se Deus guia a sua Igreja através da vida obediente de seus filhos mais dóceis e aguerridos, os reflexos do Evangelho devem brilhar, antes de tudo, na história de cada um deles, **transformando uma ferial biografia em hagiografia** e, depois, devemos reconhecer as sementes pascais, capazes de desencadear renovados caminhos eclesiais no Povo de Deus.

Artêmides Zatti confirma esta regra de santidade: a hagiografia é a luz do Espírito liberada pela simplicidade da sua biografia, tão convincente porque é habitada em plenitude de humanidade e tão surpreendente que torna visível «um novo céu e uma nova terra» (*Ap* 21,1); assim, as sementes pascais, dadas pela vida deste salesiano coadjutor ao campo do mundo, transformaram lugares de sofrimento — os hospitais de São José e Santo Isidro — em viveiros extraordinariamente radiantes de esperança cristã. «Foi uma presença ativa na esfera social, toda animada pela caridade de Cristo que o impulsionava interiormente».<sup>58</sup>

É possível meditar então sobre o dom que o Espírito oferece ao mundo, à Igreja, à Família Salesiana com a santidade de Zatti, detendo-nos primeiro na luminosidade da sua biografia — um Evangelho, plenamente encarnado da vocação, da confiança e da dedicação — para depois considerar a força pascal de seu apostolado que construiu, em seus hospitais, a Igreja do cuidado, da proximidade, da salvação, da corredenção, para alimentar a fé do povo de Deus.

Se quisermos expressar concisamente o segredo que inspirou e guiou a vida, os passos, os trabalhos, os esforços, a alegria, as lágrimas... de Artêmides Zatti, as palavras de P. Vecchi para este fim são exaustivas: «No seguimento de Jesus, com Dom Bosco e como Dom Bosco, em toda parte e sempre».<sup>59</sup>

<sup>58</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 26.

<sup>59</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 27.

## 1. UM HOMEM DE EVANGELHO

### 1.1. O Evangelho da vocação: «Acreditei»

A história de Artêmidés Zatti causa admiração sobretudo pela sua particularidade vocacional. Uma vocação luminosa porque é purificada pela misteriosa pedagogia de Deus que se desdobra em sua vida através de diferentes e exigentes mediações e situações. A vida cristã é o respiro compartilhado da família de Artêmidés, que lê tudo à luz do mistério de Deus; será a segunda pátria argentina, alcançada através da emigração, que mostrará o enraizamento dos Zatti em uma fé incommum. Card. Cagliero escreve:

«Os nossos compatriotas, mesmo aqueles que pertencem às populações mais religiosas da Itália, parecem mudar sua natureza quando chegam aqui. O amor imoderado pelo trabalho, a indiferença religiosa prevalecente nestes países, os maus exemplos muito frequentes [...] provocam uma incrível transformação no espírito e no coração dos nossos bons camponeses e artesãos, que às custas de alguns escudos que ganham, perdem a fé, a moralidade e a religião».<sup>60</sup>

A família Zatti não cederá à influência do meio ambiente, sem qualquer respeito humano, sobressaindo-se, pelo contrário, por uma prática religiosa fervorosa, franca e corajosa; e Artêmidés continuou a cultivar um relacionamento intenso com Deus no interior da família, substanciado pela oração, laboriosidade e retidão, assim,

«tudo leva a crer [...] que a formação religiosa que o Servo de Deus recebeu quando criança e na juventude [...] deve ter sido privilegiada e tal a explicar as atitudes espirituais que manteve depois ao longo de sua vida».<sup>61</sup>

A experiência de Artêmidés reflete a luminosa discrição da «“medida alta” de vida cristã ordinária» (*Novo Millennio Ineunte*, 31), fruto de um enraizamento exclusivo em Deus, de uma fé vivida como obediência corajosa e radiante porque é livre, alegre e fecunda.

---

<sup>60</sup> *Positio*, 31.

<sup>61</sup> *Positio*, 21.

Quando o salesiano P. Cavalli, pároco e guia de Artêmides nos caminhos do Espírito, tiver que apoiar a sua orientação definitiva de vida, o seu discernimento será sóbrio e límpido: constatará que o chamado a entregar-se totalmente a Deus, como sacerdote, ressoa no coração daquele jovem de forma integral e pura, não contaminado pela busca de si e dos próprios interesses, mas abrasado pelo desejo de servir ao Evangelho do Reino.

E Deus, pela singular disponibilidade de Artêmides ao dom de si, não se limita a chamar, mas pode expandir-se com o sinal incontrovertido da sua presença: a cruz do Filho. Assim, no âmago do discernimento vocacional deste jovem ansioso para ser sacerdote, a marca da predileção de Deus torna-se reconhecível: Artêmides, recebido em Bernal como aspirante, é solicitado para um serviço arriscado, o cuidado de um sacerdote doente de tuberculose, como mencionado anteriormente. O serviço sem cálculos leva Artêmides a contrair por sua vez a doença que exigirá o sacrifício do sonho vocacional: Zatti será salesiano, mas não sacerdote.

Reconhecemos aqui o poder do Evangelho acolhido incondicionalmente na vida dos santos; um poder que provoca uma resposta vocacional pura, porque é conservada em um coração não apenas desapegado do mal — condição essencial para ouvir a voz de Deus —, mas também capaz de liberdade em relação ao bem, condição essencial de uma fé sólida e rochosa no Absoluto de Deus.

Caminhando nas trevas luminosas da fé, Artêmides sacrifica o desejo de servir à Igreja na forma ministerial do sacerdócio, enquanto abraça a sua essência, segundo Cristo, «que, movido pelo Espírito eterno, ofereceu-se a si mesmo sem mácula a Deus» (*Hb* 9,14).

As características do evangelho da vocação são assim reconhecidas, de forma indelével, na plenitude do autossacrifício que selou o início da vida salesiana de Zatti bem antes de coroar a sua plenitude.

E a fidelidade à forma laical da vida salesiana, abraçada por puro amor a Deus, será plena e convicta, distante de qualquer arrependimento, desdobrada em uma existência convincente e contente.

Este é o evangelho da vocação, a boa-nova do chamado de Deus reservado individualmente a cada um de seus filhos, chamado do qual só Deus conhece o alcance, as razões, o destino, o desdobramento concreto. Chamado que se torna perceptível apenas na pura

correspondência do amor que, por sua vez, «quer se livrar do adversário mais perigoso: a própria liberdade de escolha. Todo verdadeiro amor, portanto, tem a forma interior do voto: liga-se ao amado por amor e no espírito do amor».<sup>62</sup>

*O evangelho da vocação*, na santidade de Zatti, é o evangelho da pura fé: a boa-nova do sopro saudável do coração que saboreia a liberdade em obediência ao plano de Deus, guardião do mistério de toda vida chamada a ser um ramo fecundo da verdadeira Videira, confiada à sabedoria do «Agricultor» (*Jo 15,1*).

Assim sendo, a santidade de Artêmidés Zatti provoca o temor vocacional do nosso tempo, temor que prende o coração na desconfiança diante do mistério de Deus. *O evangelho da vocação* anunciado pela vida deste santo salesiano coadjutor mostra que somente correspondendo ao sonho de Deus é possível, em qualquer idade e em qualquer situação, superar a paralisia do ego, com a pobreza do seu olhar e das suas medidas, com a angústia da sua incerteza e do seu temor.

Quando P. Garrone — um salesiano de eminente virtude, assim como de grande competência médica, adquirida através do serviço generoso aos doentes — exortou Artêmidés, doente de tuberculose, a pedir a graça da recuperação por intercessão da Virgem Maria e com o voto de dedicar a vida aos doentes, a fé de Zatti dá uma boa prova de si: simples, desinteressada, sem reservas, encapsulada em uma palavra: “Acreditei!”

“Acreditei”, ou seja, quando uma palavra é suficiente para afirmar a fé, porque a fé é pura; e somente esta fé é vocacionalmente generosa, pela leveza da sua pureza que “dá asas ao coração e não correntes aos pés”.

A santidade de Artêmidés Zatti atinge os nossos itinerários vocacionais às vezes cansados e sombrios com a força explosiva de um «acreditei» que jamais falha: o presente da fé que é contínuo ao longo da vida e o torna credível. A sua foi uma fé com uma *contínua união com Deus*. Nos testemunhos recolhidos, Dom M. Pérez assim se expressou: «A impressão que tive foi a de um homem unido ao Senhor. A oração era como o respiro da sua alma, o seu comportamento demonstrava que vivia plenamente o primeiro mandamento de Deus: ele

<sup>62</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Gli stati di vita del cristiano*, Jaca Book, Milano 1985, 34.

O amava com todo o seu coração, com toda a sua mente e com toda a sua alma».<sup>63</sup>

Somos chamados a valorizar o testemunho de Zatti para renovar o ardor da nossa pastoral vocacional e oferecer aos jovens o exemplo da vida que a solidez da fé torna plena, simples, corajosa pelo poder do Espírito e pela docilidade de quem é chamado.

## 1.2. O Evangelho da confiança: «Prometi»

*O Evangelho da vocação*, do qual Zatti dá testemunho, anima um segundo verbo de importância fundamental: prometer.

Hoje, experimenta-se com frequência a fragilidade das promessas humanas, teme-se a falta de confiabilidade, constata-se a incapacidade de serem definitivas: daí os invernos vocacionais que estão afetando a família, as Congregações em muitas partes do mundo, a Igreja, e que tornam urgente proclamar o Evangelho do chamado de Deus e da resposta do crente.

Von Balthasar, refletindo sobre a essência da vocação, fruto de um crer autêntico, escreve: «Não há como caminhar em direção ao amor sem pelo menos uma pitada desse *gesto de entrega*. [...] [O amor] definitivamente quer se colocar de volta, entregar-se, confiar-se, encerrar-se. Quer depositar sua liberdade de movimento junto ao amado de uma vez por todas, para deixar-lhe uma garantia de amor. Assim que o amor desperta verdadeiramente para a vida, o momento temporal quer ser superado em uma forma de eternidade. O amor por algum tempo, o amor intermitente nunca é um amor verdadeiro».<sup>64</sup>

Artêmides Zatti, mesmo ainda jovem e precisamente em um grande momento de provação, sentiu o chamado à plenitude do empenho de si em uma promessa irrevogável e radical; quando na idade madura, testemunhando sua gratidão ao P. Evásio Garrone, seu benfeitor, recordou os inícios do seu caminho de consagração, Zatti poderia ser lapidário ao apresentar o coração da sua adesão juvenil ao chamado do Senhor: «acreditei, prometi».

<sup>63</sup> *Summarium*, p. 43, n. 160.

<sup>64</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Gli stati di vita del cristiano*, 34.

O “*prometi*” de Zatti acompanha o seu “*acreditei*”, mas também molda a sua radicalidade e qualidade humana e cristã. Artêmides acredita porque promete e não só promete porque crê: nele vemos realizada a regra da fé, que, se não pode contar com a disponibilidade à promessa, à entrega de si, decai no interesse espiritual, na cautela e na acomodação religiosa.

Zatti não espera garantias para arriscar a sua vida, não requer o direito de colher o “cem vezes mais aqui” como condição prévia para lançar suas redes; antes, «ofereceu-se prontamente para ajudar um sacerdote doente de tuberculose contraindo também a doença: não disse uma palavra de lamento, aceitou a doença como um dom de Deus e suportou as suas consequências com fortaleza e serenidade».<sup>65</sup>

Assim, a generosidade de Artêmides é retribuída mesmo antes da profissão religiosa, e o preço é elevado: uma doença debilitante, um sonho vocacional despedaçado, um sofrimento agudo e — acima de tudo — uma incerteza total. Mas na encruzilhada entre fé e promessa, o *evangelho da vocação* realiza desde a juventude prodígios de santidade nesta vida.

A promessa de Zatti é pura, desinteressada, como a sua fé, e ela faz brilhar a integridade do abandono ao plano de Deus e a generosidade do dom e entrega de si que mostram uma genuína profundidade teológica: Artêmides faz sua a vida do Filho obediente que se permite ser totalmente decidida e destinada pelo amor do Pai à salvação do mundo.

O alfabeto vocacional de Zatti é tão profundo quanto simples e claro: «Acreditei, prometi. Zatti crê e promete com radicalidade evangélica porque já havia praticado a Paixão do Senhor como regra da sua fé e dedicação, como nunca se cansou de repetir em suas cartas à família: “As nossas alegrias são as cruces, o nosso conforto é o sofrimento, a nossa vida são as lágrimas, mas com o companheiro sempre querido e inseparável ao nosso lado, a esperança de alcançar o belo paraíso, quando for concluída a nossa peregrinação na terra”».<sup>66</sup>

A cruz é a regra da fé e ensina como o crer cristão não é simplesmente conhecer alguma coisa, mas entregar-se a Alguém prometendo-Lhe não alguma coisa, mas a si mesmo. Formado pela cruz,

<sup>65</sup> *Positio*, 206 (*Perfil espiritual do Servo de Deus*).

<sup>66</sup> *Positio super scriptis* 12.

Artêmides, mesmo antes de embarcar no caminho da vida religiosa, não *promete*, mas *se promete*, não *faz um voto*, mas *faz um voto de si*, e assim reflete as características do Filho que «entrando no mundo, [...] diz: não quiseste nem sacrifício nem oferta, mas me formaste um corpo. Não apreciaste nem holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: “Eis que venho, pois está escrito de mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a tua vontade”» (*Hb* 10,5-7).

E, ainda na escola do Senhor Jesus, Zatti aprende que à radicalidade da promessa de si corresponde à ousadia crescente da fé. Quem se entrega completamente a Deus pode abandonar-se à certeza de receber tudo d’Ele, e Artêmides não se cansa de recordá-lo em suas cartas: «Recomendo a não terdes medo ou vergonha de pedir graças. Pedi e obtereis; e quanto mais pedirdes, mais obtereis; pois quem pede muito, recebe muito, quem pede pouco, recebe pouco, e quem não pede nada, não recebe nada. [...] Não ficarei enumerando as graças que deveis pedir; bem o sabeis. Eu só coloco diante de vossos olhos uma: que todos nós possamos amar e servir a Deus neste mundo e depois usufruí-lo no outro».<sup>67</sup>

### 1.3. O Evangelho da entrega: «Sarei»

«*Sarei*» é o verbo com que Zatti sigila o evento que o introduz na vida salesiana.

O que significa «sarei»? Certamente a tuberculose que havia prejudicado sua saúde foi superada por Zatti, e de uma forma que surpreendeu os médicos: «No processo de Viedma, o tribunal perguntou-se se a cura foi milagrosa. Tanto quanto sabemos, faltou para qualificá-la como tal a sua instantaneidade, mas, segundo os médicos [...] que conheceram bem Zatti até sua morte, foi extraordinária devido à escassez e ineficácia das curas de então, pela continuidade da cura e a robustez física mais que normal que o Servo de Deus sempre desfrutou, apesar de sua vida de privações. A intervenção de Nossa Senhora parece inegável, quer tenha sido um milagre ou uma graça extraordinária».<sup>68</sup>

<sup>67</sup> *Carta ao pai*, Viedma, 15 de junho de 1908.

<sup>68</sup> *Positio*, 75-76.

O dedo de Deus, entretanto, agiu de acordo com o seu estilo inconfundível: ele não extirpou o mal restaurando a vida de Artêmides às condições anteriores à doença, nem desvendou o mistério típico de todo plano divino e de toda existência humana. Assim, como sabemos, «os superiores, embora observando a melhora na saúde do Servo de Deus, não estavam plenamente convencidos de suas possibilidades futuras. A tuberculose, naqueles tempos, nunca possibilitou a certeza da recuperação e da cura definitiva; o currículo de estudos que o Servo de Deus deveria enfrentar, na sua idade (23-24 anos), ainda era longo e certamente não adequado para um tísico; ele, por outro lado, já havia começado a trabalhar, e tudo leva a crer, com sucesso e satisfação recíproca, na Farmácia em uma profissão adequada a um leigo; talvez P. Garrone estivesse exercendo alguma pressão para mantê-lo em seu trabalho. Os superiores, então, dadas todas essas circunstâncias, precisaram propor ao Servo de Deus — que certamente, por tudo o que aparece em seus escritos, tinha decidido deixar o mundo e consagrar-se a Deus — ser um religioso salesiano, mas como coadjutor (irmão leigo): a solução parecia a mais prudente em vista da saúde ainda incerta: o trabalho material exigia menos esforço do que um longo período de estudos rigorosos».<sup>69</sup>

O mistério de Deus aprofunda-se com a cura, e à fé de Artêmides é solicitada uma purificação talvez mais severa do que aquela imposta pela perda da saúde: o sacrifício da orientação vocacional. Assim, Artêmides é levado a aprofundar o caminho de esvaziamento que Deus exige dele: a libertação da doença não é uma reconquista de forças que permite a um jovem empreendedor “retomar a vida em suas mãos”. A cura, à sua maneira, é o deserto de uma nova pobreza, para que a vida de Zatti seja um espaço livre a Deus, na radicalidade de um novo abandono.

Deus cura Artêmides da tuberculose para renovar nele o prodígio da salvação do apego a si mesmo, do desapego até mesmo dos seus próprios projetos de bem: «É de se acreditar que abandonar a aspiração ao sacerdócio foi para o Servo de Deus um grande sofrimento espiritual, tal foi o ímpeto e o espírito de sacrifício com o qual ele empreendeu o caminho para esse objetivo. No entanto, é maravilhoso, e indicativo de extraordinária força espiritual, que jamais surja uma

---

<sup>69</sup> *Positio*, 80.

palavra de queixa ou mesmo arrependimento ou nostalgia [...] por esta inversão na perspectiva de sua vida”.<sup>70</sup>

«Sarei»: é, portanto, a voz da coerência no alfabeto vocacional de Zatti. Quando Deus chama e a sua criatura responde, o Espírito não se limita a reparar a precariedade humana, mas realiza o sonho de Deus «Eis que faço novas todas as coisas» (*Ap* 21,5). Assim, se a doença inclina o coração humano a dobrar-se sobre si mesmo, o crer e o prometer de Zatti, nutridos pelo amor ao Senhor Jesus e à Cruz, produz a verdadeira saúde: um maior esquecimento de si e uma condescendência incondicional a Deus, que o leva a ser o humilde apóstolo dos mais pobres, dos doentes e a tornar-se, entre eles, o apóstolo dos casos mais difíceis; em suma, dos abandonados e descartados deste mundo.

Artêmides, renascido para uma pobreza maior, rende-se, em confiança plena e operosa, ao plano do Pai: «*Ex auditu* posso dizer que [na vida do Servo de Deus] houve uma vontade geral de que Deus deveria ser glorificado. Até onde eu o pude conhecer, posso assegurar que ele viveu para a glória de Deus».<sup>71</sup>

A subordinação de tudo à glória de Deus e o sacrifício dos próprios modos de ver — inclusive dos próprios projetos de bem — para ir ao encontro da sabedoria de Deus, que por si só realiza a plenitude do Amor, será essencial não só à experiência espiritual deste salesiano extraordinário, mas também à *pedagogia da dor* que ele terá de praticar em razão da especificidade da sua missão.

Naquele “sarei” de Zatti, realiza-se não só uma graça, mas uma escola, e ambas são moldadas pelo dedo de Deus para o bem dos irmãos: livre de doenças, Artêmides servirá aos doentes por toda a vida, depois de passar pela *verdadeira cura* que fará dele o *verdadeiro médico* das criaturas sobre as quais ele se inclinará.

«Ele fazia frequentemente o sinal da Santa Cruz e fazia com que os doentes o fizessem; ele gostava de ensiná-lo às crianças. Nele, a fé e os medicamentos formavam uma simbiose; sem a fé ele não curava, e nem sequer sem os medicamentos. Da mesma forma, ele não via uma dicotomia entre a alma e o corpo; o homem era um só, e ele curava este homem: corpo e alma».<sup>72</sup>

<sup>70</sup> *Positio*, 81.

<sup>71</sup> *Summarium* 15.

<sup>72</sup> *Summarium* 80.

Somente por ser conduzido pela mão de Deus a viver o sarar como morrer a si mesmo, Zatti poderá aproximar-se dos doentes com a medicina do Amor Encarnado e Crucificado, oferecendo conforto, luz e esperança.

## 2. TESTEMUNHA DA PÁSCOA

Se na vida de Zatti — devido à forma como ele foi alcançado pelo chamado de Deus — *o Evangelho da vocação* brilha de forma original e muito atual, a sua semente apostólica realiza-se como a arte de cuidar à luz da Páscoa.

A coerência pascal é a regra de fidelidade de todo apostolado cristão: nos santos, a prática desta regra atinge o esplendor, trazendo a vida de Deus para os trabalhos dos homens, da história, do mundo, construindo assim a Igreja.

Zatti praticou com paixão pascal a coragem do sofrimento humano e assim construiu a Igreja como verdadeiro hospital de campo (como o Papa Francisco continua a repetir hoje), precisamente transformando em células vivas da Igreja dois hospitais que surgiram “no fim do mundo”.

O hospital São José e, depois, o hospital Santo Isidro foram, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um recurso sanitário precioso e único para o cuidado, sobretudo dos pobres de Viedma e da região do Rio Negro: o heroísmo de Zatti fez deles lugares de irradiação do amor de Deus, onde o cuidado com a saúde torna-se uma experiência de salvação.

Zatti dedicou a sua vida à parábola do Bom Samaritano. O samaritano é Cristo, o Deus próximo (no seu Filho Amado) que não conhece a indiferença e o desprezo, mas oferece-se a si mesmo, antecipadamente, para curar até o último de seus filhos e filhas, através da proximidade do amor, para que o mal da história não condene nenhum desses pequenos a perecer fora de Jerusalém.

Eis o milagre de Deus: naquele pedacinho de terra patagônica, onde a vida de Zatti flui, ganhou vida uma página do Evangelho. O Bom Samaritano encontrou rosto, mãos e paixão, sobretudo pelos pequenos, os pobres, os pecadores, os últimos. Assim, um hospital tornou-se

Estalagem do Pai, tornou-se sinal de uma Igreja que queria ser rica de dons de humanidade e Graça, morada do mandamento do Amor de Deus e do Irmão, um lugar de saúde como garantia de Salvação.

São numerosas as testemunhas que nos permitem contemplar a experiência de uma Igreja acessível naquele hospital de campo trazida à vida pelo coração inflamado de Zatti: dando-lhes a palavra, surge mais uma vez o encanto de Artêmidas preocupado em curar aqueles que confiaram nele, tanto com os medicamentos da arte médica quanto com a presença, a simpatia, a oração por todos e com todos, e com a expressão quotidiana da fé deste humilde salesiano. Tudo isso certamente provou ser mais eficaz do que muitos medicamentos.

### 2.1. Cura pascal e serviço (*diakonia*) da vida ferida

Onde há santidade, a Igreja se difunde, e há santidade onde se edifica a Igreja. Aqueles que conheceram Zatti, aqueles que foram acolhidos em seu hospital, experimentaram a fraternidade e nessa fraternidade experimentaram a Igreja.

Zatti viveu com radicalidade evangélica a certeza de que o serviço, que era a sua característica vocacional — uma *diakonia* — torna a face da Igreja credível, reconhecível, amável. A porta do serviço atrai o coração humano, especialmente quando provado pela vida e pelo sofrimento, e abre-se para a experiência de um encontro com Jesus, o verdadeiro Bom Samaritano, e Zatti fez o seu melhor para viver como um Bom Samaritano. «O hospital e as casas dos pobres, visitados noite e dia viajando de bicicleta, agora considerado um elemento histórico da cidade de Viedma, foram a fronteira de sua missão. Ele viveu a doação total de si mesmo a Deus e a consagração de todas as suas forças ao bem do próximo».<sup>73</sup>

Zatti é testemunha de serviço e, assim como Jesus, se entregou até o fim, Zatti realizou até o heroísmo, nos passos de seu Senhor, uma entrega e *diakonia* plenamente cristã. Merecem ser ressaltadas, com as palavras unânimes das testemunhas, as características extraordinárias da *diakonia* evangélica de Zatti: a universalidade da sua dedicação, a

<sup>73</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 21.

totalidade do dom de si, a generosidade nascida com Deus ao lado, em obediência a Ele, realizada n'Ele e para Ele.

Que o serviço de Zatti não conhecia nenhum particularismo e não tinha preferência de pessoas está sob os olhos daqueles que o conheciam: «Sei que ele visitava a prisão para cuidar dos doentes. Com os descrentes e inimigos da Igreja, ele era disponível e amável. Lembro-me de um médico comentando o título do livro do P. Entraigas, *O parente de todos os pobres*, dizendo que ele deveria ser corrigido para “o parente de todos” pela equidade com que ele [Zatti] não fazia distinção entre todos os que o procuravam». <sup>74</sup>

Se no serviço e na doação de si da parte de Zatti havia uma preferência por alguém, esta era a preferência ensinada pelo Bom Pastor, sensível sobretudo à sorte das ovelhas mais feridas e dispersas: «Foi uma das predileções [de Zatti] a sua total entrega a Deus nas pessoas humildes, indefesas ou com enfermidades repugnantes a tal ponto que quando alguém queria enviá-las a um asilo porque estiveram muitos anos no Hospital São José, ele respondia que esses verdadeiros *para-raios* do Hospital não deveriam ser abandonados». <sup>75</sup>

Zatti servia com tudo o que era, consumindo-se em uma generosidade não calculada nas formas mais díspares de uma atividade febril, orientada apenas a responder aos pedidos de todos: «Como todos estavam conscientes da sua bondade e da sua boa vontade em servir aos outros, todos se voltavam para ele com as coisas mais diversas. [...] Os diretores das Casas da Inspeção escreviam para obter conselhos médicos, enviavam-lhe irmãos a serem assistidos, confiavam-lhe pessoas de serviço que tinham ficado incapacitadas por serem doentes crônicos. As Filhas de Maria Auxiliadora não ficavam atrás dos salesianos ao pedir favores. Os emigrantes italianos pediam ajudas, escreviam para a Itália, solicitavam documentos, os que tinham sido bem cuidados no hospital, como se fosse uma expressão de gratidão, enviavam-lhe parentes e amigos para ajudá-lo por causa da estima que tinham pelos seus cuidados. As autoridades civis tinham frequentemente pessoas incapacitadas para dar atenção e recorriam a Zatti. Os presidiários e outras pessoas, vendo-o em boas condições com

<sup>74</sup> Testemunho de Carlo Tassara, *Summ.* 126-127.

<sup>75</sup> Testemunho de Dom Carlos Mariano Pérez, *Summ.* 52.

as autoridades, recomendavam-se a ele para que pedisse clemência para eles ou resolvesse alguns de seus problemas».<sup>76</sup>

O serviço de Zatti era então contínuo e esquecido de si e, precisamente por esta razão, não se detinha pela suscetibilidade, ingratidão, correspondência perdida ou exigências incômodas: «No servo de Deus, a preocupação com o próximo era extraordinária em seu trabalho diário; de manhã à noite ele vivia para os seus amados doentes. Estas circunstâncias se multiplicavam à noite, quando, a qualquer hora que o chamassem, ele acorria rapidamente. [...] Sei que muitas vezes ele sofreu pelas exigências excessivas de alguns doentes, necessidades desordenadas, caprichos, como no caso [...] de pacientes com doença mental. O Servo de Deus jamais perdeu a paciência. Lembro-me de vê-lo em mais de uma ocasião sair com mau tempo, frio e chuva com seu veículo, uma bicicleta que não era o último modelo, para cuidar dos doentes entre a população, percorrendo estradas pouco transitáveis».<sup>77</sup>

O que marcava profundamente a *diakonia*, o serviço de Zatti a todos, era o seu estar sempre na companhia do Senhor. Ninguém podia deixar de notar a competência deste generoso enfermeiro, mas igualmente evidente era o seu estar em missão com Jesus: «Um fato pessoal muito concreto: quando eu era noviço e, depois, neossacerdote, vim a Viedma por causa de alguns pequenos furúnculos que apareciam especialmente no pescoço e no rosto, o Servo de Deus sempre me recebia com um sorriso, curava-me cauterizando com uma agulha muito quente, cantarolando o *Magnificat* enquanto operava e depois incentivando-me a oferecer aqueles sofrimentos pela santa perseverança em minha vocação».<sup>78</sup>

Ainda em Zatti brilharam a obediência a Deus e ao seu plano, como alma de um serviço humilde e confiante, que devia inspirar nos pobres e nos enfermos sentimentos de abandono em Deus. Tudo encontrava inspiração em Deus, e tudo o que Zatti realizava era de acordo com o mandato de Deus, de modo que o serviço deste grande salesiano foi uma prática contínua e fascinante do preceito do amor: ele «amou a Deus acima de todas as coisas. Para ele, todas as coisas desta terra eram transitórias e secundárias. Para mim, Zatti era constante, inabalável em

<sup>76</sup> Luís Fiora, *Biografia*, *Positio* 132.

<sup>77</sup> Testemunho de Dom Carlos Mariano Pérez, *Summ.* 43-47.

<sup>78</sup> Testemunho de Dom Carlos Mariano Pérez, *Summ.* 43.

seu amor a Deus e em sua piedade. Não apenas nos atos de piedade, mas em todo serviço ao próximo, ele sempre manteve o nome de Deus em seus lábios. Ele exortou a todos os que lhe eram próximos a viver a piedade. Zatti foi permanentemente um exemplo, sua piedade estava acima do ordinário». <sup>79</sup>

A *diakonia* de Zatti, porém, como sempre acontece com os santos, é um serviço realizado certamente em obediência a Deus, mas sobretudo em nome de Deus, emprestando a Deus o seu rosto, o seu coração, as suas mãos, na certeza — fonte de grande audácia — de ser um pequeno instrumento de seu grande Poder e Providência. Assim, Zatti trabalha com extraordinária generosidade, mas com abandono total porque sabe que é o seu Senhor quem age nele: «Ele sempre esperou e confiou em Deus. A serenidade com que ele superou as dificuldades foi uma demonstração da sua esperança em Deus. Ele sempre dizia: “Deus proverá”, mas o dizia com total confiança e esperança». <sup>80</sup>

Zatti, verdadeiro crente e homem, é «movido pela caridade para com o próximo porque via em cada doente o Cristo sofredor. Tal foi a gentileza que ele usou com os doentes que nada lhes negava»; <sup>81</sup> «para o Servo de Deus, o amor se manifestava na caridade com a qual ele ajudava os “outros Cristos”. Em sua concepção evangélica de que tudo o que seus discípulos farão ao próximo estarão fazendo ao próprio Cristo, o Servo de Deus se comportava habitualmente com caridade para com todos, mesmo quando se tratava de incrédulos ou indiferentes». <sup>82</sup>

Seja vivendo “em saída” em uma Igreja de serviço, capaz de alcançar os seus pobres com a bicicleta, seja servindo aqueles que batiam à porta do seu hospital — primeiro em São José e depois em Santo Isidro — para que pudessem encontrar ali o amor de Deus, Zatti entregou-se totalmente a Deus, tornando-se um servo do Senhor, um autêntico missionário da Igreja em nome do Senhor Jesus.

<sup>79</sup> Testemunho de Oscar Giovanni García, *Summ.* 113.

<sup>80</sup> Testemunho de Ferdinando Enrique Molinari, *Summ.* 151.

<sup>81</sup> Testemunho de Noélia de Tofoni Morero, *Summ.* 259.

<sup>82</sup> Testemunho do P. Luís De Roia, *Summ.* 271.

## 2.2. Fraternidade pascal e comunhão (*koinonia*) na vida compartilhada

A santidade de Zatti leva-nos ao coração da Igreja não só pela singularidade da sua *diakonia*, mas também pela qualidade da comunhão que floresceu pela entrega de si aos outros. O que a comunhão fosse para Zatti é atestado tanto pelos testemunhos daqueles que testemunharam a sua ação como pela forma com que ele passou pelos momentos mais difíceis que marcaram a sua vida.

Um acontecimento particularmente doloroso para ele ocorreu quando os superiores optaram pela demolição do Hospital de São José, ao qual Artêmidés havia consagrado toda a sua energia; em Viedma não faltavam ambientes para o bispo, mas para construir uma residência episcopal adequada, foi decidido demolir o antigo hospital, com o ônus de transferir todos os serviços de saúde para as instalações da Escola Agrícola de Santo Isidro, local de outra obra salesiana em Viedma.

Para Zatti, a demolição não era uma simples operação edilícia, era uma provação aflitiva e crucificante: diante dos seus olhos não havia apenas os escombros de um velho hospital, mas a dúvida de que com aquelas paredes também tivesse desmoronado a sua vida e ali tivessem terminado também as suas renúncias e privações, incompreensões e vigílias, dores de cabeça e suores, dedicação aos outros e autossacrifício. Zatti não foi poupado do cálice, mas permaneceu de pé, com fortaleza e doçura cristãs: «No tempo da demolição do hospital de São José, ele propusera que o palácio episcopal fosse construído em outro lugar e o terreno fosse permutado; depois, dada a inexorabilidade da demolição, que [...] ele sentia enormemente dada a sua extrema sensibilidade humana, ele não se rebelou ou protestou; pelo contrário, ele acalmou aqueles que tentaram fazê-lo rebelar-se».<sup>83</sup>

Como sempre acontece na vida dos santos, a provação é ao mesmo tempo um caminho escuro e uma demonstração luminosa: Zatti, com a sua serenidade de espírito e alacridade na instalação da nova sede dos serviços de saúde, demonstrou o fundamento da sua entrega: o verdadeiro hospital que construiu não podia ser reduzido a escombros porque era uma invenção da caridade, daquela caridade que «jamais terá

<sup>83</sup> Testemunho de Enrique Mário Kossman, *Summ.* 10

fim» (*1Cor* 13,8), e que expressa o milagre da comunhão, um reflexo da Vida eterna de Deus. O verdadeiro hospital de Zatti não era um edifício terreno, dedicado a São José ou Santo Isidro; naqueles ambientes o seu profissionalismo acolhia a todos pela porta do serviço para que pudessem ter uma experiência verdadeira e plena da ternura de Deus.

Zatti não pregou o catecismo da comunhão, mas com a sua santidade ele o encarnou; e o seu hospital não era um edifício imponente, mas um milagre evidente e quotidiano de serviço e comunhão. Aqui «o Servo de Deus dirigia o pessoal, composto por várias pessoas que viviam no hospital, como o superior de uma comunidade religiosa. [...] O pessoal o amava, venerava e seguia à risca as regras. A cada um nunca faltou o necessário: moral, espiritual e técnico para o cumprimento de seus deveres, e isso pela preocupação pessoal do Servo de Deus».<sup>84</sup>

É persuasão de todos que justamente a estatura espiritual de Zatti fizesse dele o artífice da comunhão: «Durante os anos em que estive na escola do Colégio São Francisco de Sales, o Hospital era uma dependência do Colégio e tudo o que acontecia aqui e ali era conhecido. Jamais ouvi falar de quaisquer brigas ou mal-entendidos entre os colaboradores de Zatti que pudessem ter alguma relevância e ser a causa de fofocas na cidade ou na escola».<sup>85</sup>

A comunhão cristã, quando realizada, não passa inobservada pela sua beleza que choca o mundo prostrado pelo rancor e pela divisão; são apenas os santos, porém, que conhecem o preço da comunhão, a sua estranheza ao espontaneísmo, ao imediatismo da simpatia, à facilidade sem sacrifício. Os santos sabem quanto custa a comunhão porque sabem qual é a sua fonte: o Peito aberto do Senhor, que realiza o trabalho de reconciliação entre os homens e com os homens.

Zatti sabe que somente o Sangue do Senhor cria comunhão, e ele escolhe o caminho da participação fiel e quotidiana no sacrifício do Filho, com o sorriso no rosto, a fortaleza na alma, a paz no coração, as mãos trespassadas pelo trabalho e pelo cansaço. Tornando quase imperceptível o empenho exigido pela sua imolação, Zatti «foi um homem que irradiava paz, [homem] de ação, dinâmico, sem demonstrar nervosismo, alegre. Com frequência improvisava um chiste [...] para

<sup>84</sup> Testemunho do P. Antonio F. Fernández Prieto, *Summ.* 61.

<sup>85</sup> Testemunho do P. Mario Brizzola, *Summ.* 75.

animar o doente [...]. Foi um homem que não vacilou em suas práticas religiosas, [...] sinal do seu esforço para melhorar a si mesmo. Pessoalmente, o que eu mais notei nele foi a sua caridade e humildade».<sup>86</sup>

A humildade de Zatti constrói a Igreja e faz do cristão a comunhão da qual ele mesmo é o artífice; quem não morre todos os dias a si mesmo traz consigo o peso do egoísmo que fere a comunhão; só a humildade cura as relações e supera as adulações do poder, do controle, da sedução, da prevaricação. Zatti, sem multiplicar palavras ou discursos, sabe que somente a humildade pode criar a verdadeira *koinonia*, fruto e condição de uma *diakonia* eficaz e discreta, que não cria dependência, mas restaura a dignidade; somente a humildade serve de maneira generativa, promovendo uma comunhão que cura a relação e promove a autonomia. A humildade é a virtude de Deus, porque é o segredo do pai, a esperança do filho, o espírito da verdadeira vida.

Zatti pode ser servo e artífice de comunhão pela humildade que fez dele um simples filho de Deus, vivo da Vida do Espírito e pai de todos: «Creio que no relacionamento de Zatti com seus colaboradores nunca houve problemas porque ele era como o pai de todos. Lembro que todos sentiram muito a sua ausência quando esteve em Roma para a canonização de Dom Bosco»;<sup>87</sup> «a relação do sr. Zatti com o hospital era como o de um pai. Desconheço qualquer mal-entendido ou dificuldade: se houve alguma, acredito que não foi da sua parte. Das enfermeiras com quem lidei [...], jamais ouvi algo além de elogios e nenhuma reclamação».<sup>88</sup>

### 2.3. Proximidade pascal e *martyria* da vida sem fim

Nosso irmão Artêmides Zatti testemunhou realmente com a vida (*martyria*) que o Senhor ressuscitou. «Eu sou a luz do mundo» (Jo 8,12), diz o Senhor de si mesmo. O Evangelho é Luz que quer penetrar na vida das pessoas, e Luz para o mundo é a Igreja, sacramento vivo de Deus. A santidade de Zatti, alimentada pela Páscoa de Jesus, é luz, e sobretudo os pobres e doentes de Viedma fazem experiência disso. Zatti recebe-os através da porta do serviço, mantém-nos dentro das

<sup>86</sup> Testemunho de Oscar João Garcia, *Summ.* 113.

<sup>87</sup> Testemunho de José Nicola Costanzo, *Summ.* 103.

<sup>88</sup> Testemunho de Amália Teresa Giraudini, *Summ.* 117.

paredes da comunhão, mas para oferecer-lhes, com o seu testemunho de vida, a luz do Evangelho, o esplendor da Páscoa que ilumina a Igreja.

Crentes e não crentes ficam fulgurados pelas palavras e gestos de Zatti; o seu testemunho não tem sombras, é extraordinariamente salesiano, chega a todos e anuncia, através de dois nomes, duas características decisivas do Deus de Jesus: Providência e Paraíso.

Não há Igreja onde não houver um anúncio explícito do nome de Deus, um anúncio saldado com o martírio da vida, com o sangue ou com a caridade; aonde vão o serviço e a comunhão de Zatti, ressoa a proclamação do nome de Deus, desses dois nomes, tão cristãos e tão salesianos: Providência e Paraíso.

Zatti anuncia com a sua vida que tudo em Deus é amor, mas amor concreto, atento, sem limites, minucioso para cada criatura: o amor de Deus é Providência. A Providência de Deus, porém, não é por algum tempo, mas eterna, e aqui está o segundo nome: Paraíso; Paraíso é o nome próprio do desejo de Deus na história de prover suas criaturas para tê-las com Ele para sempre, pela eternidade.

Zatti é mestre deste alfabeto cristão: «Era seu desejo constante que o Senhor fosse conhecido e amado. Atestava-o pela alegria que expressava quando um novo paciente, que nada sabia de Deus, tornava-se cristão devoto. Sua primeira preocupação era curar e inspirar confiança na Divina Providência».<sup>89</sup>

O sentido de Providência não era resposta obrigatória às condições precárias, uma espécie de último recurso oferecido aos naufragos para não afundar nos momentos difíceis. Testemunhar a Providência para Zatti significava ensinar as pessoas a falar com Deus, a chamá-lo pelo nome, com confiança cristã, porque «estava muito convencido dos princípios evangélicos, e o que estava firmemente esculpido em seu coração e mente era “buscai antes de tudo o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado em acréscimo” (Mt 6,33). Ele tinha aprendido na escola de Dom Bosco — tendo lido muito a sua vida — a jamais desconfiar da ajuda de Deus, especialmente quando é honrado como deseja, no nosso próximo».<sup>90</sup>

<sup>89</sup> Testemunho de Manuel Linares, *Summ.* 92.

<sup>90</sup> Testemunho de Dom Carlos Mariano Pérez, *Summ.* 36.

Contudo, uma Providência sem Paraíso não permitiria o anúncio do nome de Deus para suportar o impacto da história, com seu fardo de trabalho, sofrimento e morte. Zatti animou, dentro e fora do hospital, uma Igreja sempre visitada pela dor e pela morte, e isso exigia plenitude de fé e testemunho, exigia anunciar o nome do único desejo de Deus para o homem: o Paraíso. Quando dava testemunho do Paraíso, Zatti mostrava a certeza «da vida eterna e da sua aquisição pela graça e pelas boas obras; o que ele manifestava especialmente diante da morte [...]». Eu pessoalmente o vi alegrar-se por poder dar ajuda religiosa aos doentes e exclamar [...]: “Hoje enviamos dois ou três deles para o céu”». <sup>91</sup>

Com estes dois nomes de Deus, Zatti evangelizou a vida e a morte, a alegria e a dor, a saúde e a doença como verdadeira testemunha cristã, como um mártir, no martírio quotidiano da caridade. O anúncio de Zatti e a *martyria* não divulgam um evangelho de circunstância ou de oportunidade, mas espalham Sal, Luz, Fermento, emprestam rosto, coração e mãos a um Evangelho que pede vida e permeia tudo, dissolve enigmas e vence a angústia com o calor da Verdade: «Desde quando o conheci, ele sempre deu mais importância às práticas religiosas do que ao seu trabalho, embora o fizesse com perseverança. Muitas vezes ele citava as Escrituras, especialmente os Evangelhos, para consolar os doentes ou incentivar a virtude [...]. Era muito difícil para ele não inserir um pensamento espiritual em suas conversas. Uma vez, enquanto falava com ele, mencionei a descoberta de alguns novos medicamentos como a penicilina e as sulfonamidas; o Servo de Deus ouviu-me e, quando terminei de falar, ele disse: «É verdade, é verdade, mas as pessoas continuarão a morrer»». <sup>92</sup>

De fato, a verdade do Evangelho, em sua plenitude, ilumina o hospital de Zatti, como havia iluminado o Oratório no tempo de Dom Bosco: é por isso que no hospital de Viedma, como no interior das paredes de Valdocco, não se teme a morte, nem se multiplicam os expedientes para suavizar o seu escândalo ou esconder as suas evidências, enganos perigosos para o coração humano. Zatti enfrentou a morte com o testemunho do Evangelho da vida: uma vida com os pés no chão, e por isso industriosa e concreta, mas com o coração no céu, e por isso confiante e sereno: «O único motivo da sua vida foi

<sup>91</sup> Testemunho de Enrique Mário Kossman, *Summ.* 14.

<sup>92</sup> Testemunho do P. Mário Brizzola, *Summ.* 79-80.

precisamente a expectativa do prêmio celeste; nunca agiu para ganhar dinheiro ou reputação, fez tudo na esperança da felicidade futura».<sup>93</sup>

O seu empenho foi colocado, embora com simplicidade, em viver o Evangelho com o coração enraizado no Prêmio final e levar o Deus da Providência e do Paraíso a cada ferida e cada morte humana, para que ali florescessem a Vida e a Ressurreição. Isso tornava abençoado o testemunho de Zatti e ele invocava a sua presença quando eram indispensáveis os medicamentos preciosos e raros da esperança e da consolação. Toda a cidade de Viedma sabia disso, como confirmaram com surpreendente unanimidade as testemunhas: Zatti era sempre chamado, e ele apressava-se a confortar e consolar, oferecendo este medicamento cristão que ele recolhia, pela vida na Graça de Deus, do mesmo Espírito, o Consolador. Tornava-se, assim, «extraordinária no Servo de Deus a capacidade de incutir esperança nos doentes, um fato que contribuía quase milagrosamente para elevar a alma do sofredor».<sup>94</sup> Zatti dá testemunho, até o martírio da caridade, que o Senhor é Deus do céu e da terra. Zatti dá testemunho disso, com a paixão dos santos, que não conhece medida: «Lembro-me de um paciente dizer a Zatti que ele estava sempre o preparando para o céu e que devia prepará-lo um pouco para a terra. Outro fato mostra a atmosfera do hospital: uma enfermeira, certa vez, insistiu em preparar para a morte um paciente que não estava tão doente e que, de fato, ainda está vivo».<sup>95</sup>

## 2.4. Alegria pascal e liturgia da vida redimida

Artêmides Zatti, com a sua extraordinária fidelidade aos compromissos centrais da vida cristã, nutre-se do Pão da Palavra, do Pão do Perdão, do Pão do Céu, e a sua vida foi transfigurada, cada vez mais profundamente, para benefício de uma missão rica de frutos crescentes. Assim, a vida da Graça, vivida intensamente por este filho de Dom Bosco, chega a todos aqueles que o encontram, indistintamente: doentes e colaboradores, irmãos e autoridades, pobres e benfeitores, em Zatti, tocam a vida do Senhor através do poder do mistério sacramental que é compartilhado entre as pessoas na comunhão do povo de

<sup>93</sup> Testemunho do P. Mário Brizzola, *Summ.* 80.

<sup>94</sup> Testemunho de João Cadorna Guidi, *Summ.* 218.

<sup>95</sup> Testemunho do Dr. Pascoal Atílio Guidi, *Summ.* 100.

Deus. E assim toda a Igreja, nos sacramentos, pelo poder do Espírito Santo, celebra o mistério Pascal e assegura aos homens o alimento para o caminho e os remédios que curam as feridas do mal e da morte.

Esta é a Igreja: ela floresce e cresce onde o serviço e a comunhão anunciam o nome de Deus, dão testemunho da Palavra de Jesus, são nutridos pelo Seu Corpo, curados pelo Seu Perdão. Zatti simplesmente não faz tudo isso, ele é tudo isso; por causa da correspondência à Graça, que torna sua vida santa, nele se reconhece não apenas os gestos e palavras do Senhor, mas experimenta-se a sua mesma Vida: Zatti é um “tabernáculo vivo”, e o seu testemunho radiante suscita questionamentos, propósitos, conversão, mesmo naqueles que estão distantes de uma participação íntima no mistério do Senhor.

A dedicação de Zatti, revelando uma raiz mais do que humana, torna-se uma prova universalmente convincente do poder sobrenatural dos sacramentos; o seu, de fato, é «um amor sobrenatural e extraordinário ao próximo. [...] Ele estava disposto a fazer qualquer sacrifício e é por isso que o difícil parecia fácil para ele. Penso que as circunstâncias difíceis do seu trabalho caritativo foram a escassez de pessoal, a demanda por assistência em todos os momentos, não ser afetado pelo mau tempo, servir a todos os tipos de pessoas. Lembro-me de um parente meu, doente, a quem veio visitar em um dia em que o tempo estava muito ruim, e quando lhe disseram: “Sai com este tempo, sr. Zatti?”, ele respondeu: “Eu não tenho outro!”».<sup>96</sup>

É uma regra da liturgia cristã saber dar uma boa prova de si na vida do crente com a ordem, a harmonia, o dinamismo eficaz e sobrenatural. Zatti é cristão, leigo consagrado, salesiano de Dom Bosco, é uma pedra viva da Igreja, é testemunha da Páscoa, porque em suas obras se torna visível o mandamento do Amor, que faz reconhecer Deus no próximo e o próximo em Deus; mas Zatti ensina, com a sua vida, que a força necessária para praticar esse mandamento é sobrenatural, e só pode vir de Deus, dos seus sacramentos e da oração e união com ele. «Zatti exerceu a caridade em circunstâncias difíceis devido à falta de recursos financeiros. Também porque a sua atividade excedia o normal, devido à quantidade de horas que dedicava aos seus trabalhos sem omitir os seus deveres religiosos. Por aquilo que conhecíamos

<sup>96</sup> Testemunho de Oscar João Garcia, *Summ.* 114.

dele, nos perguntávamos como poderia manter um esforço tão grande sem o repouso que normalmente é considerado necessário».<sup>97</sup>

Dois episódios merecem ser lembrados como exemplo da liturgia da vida pela qual Zatti é primeiro discípulo e depois apóstolo do Senhor Crucificado e Ressuscitado; primeiro, a demolição do antigo hospital de São José, com a necessidade de transferir os doentes para Santo Isidro: «Não tenho informações de que Zatti tenha recebido uma data para o despejo, e certamente não recebeu nada do seu Inspetor, caso contrário eu teria sabido [...]. O estado emocional em que Zatti caiu quando os doentes tiveram que ser removidos, para que os escombros não caíssem sobre eles, poderia ter sido psicologicamente fatal. Chorou amargamente, mas depois de rezar diante do Santíssimo Sacramento, começou a trabalhar com serena energia»;<sup>98</sup> e também o serviço aos moribundos: «um jovem estava prestes a morrer, e Zatti estava conversando com ele depois de tê-lo feito receber a comunhão; a certa altura o jovem começou a gritar “Zatti, vou morrer!” e, no mesmo momento, alçava-se da cama; Zatti, olhando-o nos olhos, sorriu e disse: “Que bom, vais para o paraíso!” e o jovem deixou-se cair com um sorriso que retratava o de Zatti, e que ficou impresso em seu rosto».<sup>99</sup>

É o que acontece quando a Eucaristia se torna vida e o Mistério Pascal se torna prática diária: as grandezas humanas transformam-se pelo poder do Espírito e toda ação do crente é realizada em Cristo, por Cristo e com Cristo, fazendo da vida uma liturgia e transformando os santos dons da liturgia em vida.

O nosso querido Artêmidas Zatti, devedor em tudo dos Mistérios do Senhor, sabe que tudo só pode ser feito graças a Ele; daí a sua humildade: «Lembro-me que, como meu irmão Salvador estava muito doente com febre tifoide, o Servo de Deus ia tratá-lo várias vezes ao dia. Em uma ocasião, encontrando-se com ele a caminho da casa de Salvador, angustiado, eu lhe disse: “sr. Zatti, por favor, salve meu irmão! Ele virou-se e olhou-me nos olhos dizendo com severidade: “Não seja blasfemo, só Deus salva!”»!<sup>100</sup>

<sup>97</sup> Testemunho de Luís De Palma, *Summ.* 135.

<sup>98</sup> Testemunho do P. Feliciano López, *Summ.* 178.

<sup>99</sup> Testemunho do P. Feliciano López, *Summ.* 174.

<sup>100</sup> Testemunho de Pedro Echay, *Summ.* 211-212.

A vida de Artêmides Zatti foi uma vida de doação, comunhão e testemunho do Senhor ressuscitado. Uma vida cheia de graças que o levou a uma morte plenamente cristã: «Perguntado se suas dores eram contínuas, fortes ou não, sem dar uma resposta direta, ele me disse: “Elas são um meio de purificação e eu estou feliz porque percebo que estou completando a Paixão de Cristo, algo que tanto inculquei nos doentes”».<sup>101</sup>

E a oferta de Zatti foi plena, discreta, serena e alegre, como sigilo da sua liturgia. Merece ser retomada em um florilégio em que, por atrás do véu da simpatia, Zatti dá a quem o assiste o sentido da sua vida, que Deus foi capaz de espremer até o fim, porque estava madura e plena. Alguns meses antes da sua morte, sorrindo da sua doença — um tumor no fígado, tornando seu rosto amarelo —, Zatti diz a uma enfermeira que em breve ele também ficará colorido, com a maquiagem! A sua, porém, terá, como nos limões, a cor da maturidade, o que faz com que essa fruta esteja pronta para ser espremida até o fim: «Você usa maquiagem? Eu também! Dentro de seis meses eu darei a demonstração. O limão não tem utilidade se não for amarelo».<sup>102</sup>

### 3. CONVITE PARA UM EMPENHO EXTRAORDINÁRIO

Este era o título da última parte da carta de Padre Vecchi, à qual me referi várias vezes, e que gostaria de conservar e compartilhar agora. Nas páginas anteriores, tentei esboçar a figura extraordinária do nosso irmão salesiano coadjutor Artêmides Zatti de uma maneira simples, mas incisiva. O seu caminho de vida, impregnado e cheio de Deus, é um exemplo para todos. Assim como a sua santidade. Diante desta grande figura, acende-se em nossa Congregação uma consciência muito viva da necessidade e da importância de um empenho especial para promover hoje essa bela vocação. Faço minhas as palavras de P. Vecchi para pedir a cada inspetoria, a cada comunidade e a cada irmão nos próximos anos, a partir de agora, «*um empenho renovado, extraordinário e específico pela vocação do salesiano coadjutor no interior da pastoral vocacional, rezando por ela, anunciando-a*

<sup>101</sup> Testemunho de Francisco Erasmo Geronazzo, *Summ.* 274.

<sup>102</sup> Testemunho do P. Feliciano López, *Summ.* 193.

e propondo-a, chamando, acolhendo e acompanhando, vivendo-a pessoalmente e no conjunto da comunidade».<sup>103</sup>

Existem ricas publicações sobre a figura do salesiano coadjutor;<sup>104</sup> talvez o que precisemos neste momento seja tornar o nosso empenho mais convincente. Tenho lembrado com frequência em minhas visitas às inspetorias e também em minhas cartas que devemos, antes de tudo, ser homens de fé, hoje mais do que nunca entregues no Senhor. Muitas outras estratégias e planos podem ajudar-nos, mas somente *a confiança no Senhor e o recurso a Ele* nos farão sair de uma profunda dificuldade. O testemunho a seguir, de um irmão coadjutor, tem, em minha opinião, uma força particular: «Ainda hoje ressoa o “Vem e segue-me”. E é sempre admirável constatar que também hoje existem jovens aos quais nada faltaria para orientar-se ao sacerdócio e, contudo, fazem a opção de leigo consagrado também na Congregação Salesiana. É preciso, por isso, na pastoral vocacional, crer nessa vocação, completa em si, e transmitir a sua estima por osmose, sem forçar e distorcer em direção da figura clerical. É preciso estarmos convencidos de que existem jovens que não se identificam no modelo presbiteral, enquanto sentem-se atraídos pelo modelo do leigo consagrado. Quais os motivos dessa opção? Todas as motivações são insuficientes: permanece, no fundo, o mistério da Graça e da liberdade».<sup>105</sup>

A esta altura, gostaria de convidar-vos a dar uma olhada mais atenta nas próximas publicações que sairão tanto sobre Santo Artêmides Zatti como sobre a vocação do salesiano coadjutor em nossa Congregação, nas diversas regiões e nas propostas dos dois setores da Pastoral da Juventude e da Formação. Não faltarão estímulos, reflexões e sobretudo os dons de intercessão do novo santo, de modo particular pelos seus irmãos salesianos coadjutores ao redor do mundo, por aqueles que já estão conosco e por aqueles que virão com a Graça de Deus.

---

<sup>103</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, p. 47.

<sup>104</sup> As oferecidas por P. Vecchi estão disponíveis em ACG 373 (2000) e em *La Vocazione del salesiano coadiutore nella pastorale vocazionale*, em “Il salesiano coadiutore. Storia, identità, pastorale vocazionale e formazione”, Editrice SDB, Roma 1989, 133-161.

<sup>105</sup> J. E. VECCHI, *o.c.*, pp. 49-50.

## A força e a beleza de um convite

Creio que não podemos terminar esta abordagem da vida de Artêmidés Zatti sem evocar, mais uma vez, uma carta de 1986, do Cardeal Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco, escrita a um salesiano, testemunhando uma graça recebida por intercessão de Zatti.

A história é bem conhecida: quando era Provincial dos Jesuítas da Argentina, Padre Bergoglio confiou a Zatti um pedido ao Senhor de santas vocações para a vida consagrada leiga na Companhia de Jesus, e em uma década a sua Província foi abençoada com 23 novas vocações de religiosos irmãos.

Surpreende que o primeiro salesiano a ser canonizado não devido ao martírio de sangue seja um coadjutor, e um coadjutor que renunciou, em obediência radical a Deus, à forma de vocação pela qual fora fascinado, a do sacerdócio, para ficar com Dom Bosco, realizando então um serviço sacrificial no mundo da doença e do sofrimento.

No entanto, a intensa beleza deste testemunho não pode nos escapar; nele brilham os amores fundamentais que devem inflamar o coração do salesiano: o amor a Deus e à sua vontade, o amor ao próximo, que em seus membros sofredores é o Rosto próximo de Jesus Crucificado, o amor à Mãe do Senhor, Mediadora de todas as graças, o amor a Dom Bosco que promete ao salesiano pão, trabalho e Paraíso.

Esses amores brilham na grandeza luminosa da vida religiosa de Artêmidés, abraçados com alegre radicalidade e generosa laboriosidade.

Nosso irmão Artêmidés Zatti mostra-nos como o mundo é sensível ao testemunho da vida religiosa, desde que esse testemunho seja verdadeiro, confiável, autêntico: o triunfo do seu funeral, a fama da sua santidade, a veneração do seu túmulo são sinais claros do quanto todos reconheceram o dedo de Deus em ação neste salesiano generoso e fiel: «Proporcional aos habitantes de Viedma, o número de pessoas que compareceram ao funeral foi impressionante. De todos os lugares, pessoas humildes acorriam com pequenos buquês de flores. Além das autoridades, havia muitas outras pessoas. Nos dias [sucessivos à morte], as pessoas estavam convencidas de que havia morrido um santo; alguns iam ao o túmulo esperando milagres: rezavam, levavam flores».<sup>106</sup>

<sup>106</sup> Testemunho de Amália Teresa Giraudini, *Summ.* 115-116.

A vida de Artêmides Zatti despertou uma cidade e hoje toca o mundo inteiro, porque falava de Deus: ele trouxe entre os pobres e os doentes, com a prática exemplar da castidade, o perfume do amor virginal e fecundo de Deus; ele deu a todos a riqueza da fé, saldando-a com uma pobreza amada até o ponto de ceder o próprio quarto a um doente ou levar para ele um morto a fim de retirá-lo da vista dos outros doentes em um gesto final de ternura e piedade; ele ensinou a verdadeira liberdade, obedecendo à custa de lágrimas amargas a vontade dos superiores, reconhecendo-os como mediadores do plano de Deus.

Religioso exemplar, com este testemunho, ele ensina a todos que a saúde a ser conservada acima de todo bem é a da alma, da nossa alma, tão preciosa porque vem de Deus e a Ele aspira, muitas vezes inconscientemente, no desejo de encontrar em Seus braços o Amor eterno.

Possam os amores de Zatti acender os nossos amores; possa o seu testemunho do Absoluto de Deus, da grandeza da alma e da nossa verdadeira pátria inspirar os nossos gestos e a nossa paixão pastoral para uma nova fidelidade apostólica e uma renovada fecundidade vocacional. Jamais nos falte, como Artêmides Zatti sempre buscou, a proteção materna de Maria Auxiliadora, e que a devoção à Mãe em cada casa salesiana do mundo e em cada canto onde a Família de Dom Bosco está presente, seja um caminho seguro que nos ajude a viver uma santidade como a deste nosso irmão.

Concluo estas palavras propondo uma oração ao Pai por intercessão do novo santo salesiano coadjutor, Santo Artêmides Zatti.

***Oração de intercessão  
para pedir vocações de salesianos leigos***

Ó Deus, que em Santo Artêmides Zatti  
nos destes um modelo de salesiano coadjutor,  
que, dócil ao vosso chamado  
com a compaixão do Bom Samaritano  
fez-se próximo de cada ser humano,  
nos ajude a reconhecer o dom desta vocação,

que testemunha para o mundo a beleza da vida consagrada.

Concedei-nos a coragem de propor aos jovens

esta forma de vida evangélica

a serviço dos pequenos e dos pobres,

e fazer com que aqueles a quem chamais para este caminho

responda generosamente ao vosso convite.

Nós vo-lo pedimos por intercessão de Santo Artêmidas Zatti

e pela mediação de Cristo Senhor.

Amém.

Saúdo-vos com verdadeiro afeto e unidos no Senhor com a oração recíproca.

Turim, 24 de setembro de 2022.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Ángel Fernández Artime', with a decorative flourish underneath.

**P. Ángel Fernández Artime, S.D.B.**

*Reitor-Mor*